

Neste número 45, abrimos o Editorial de *Educação em Revista* discutindo um tema atual e importante para a educação brasileira: o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado no último dia 24 de abril pelo Governo Federal. Uma das novidades do plano acabou atraindo todas as atenções da mídia: a instituição do Piso Salarial Nacional Profissional do Magistério Público (PSNP) de R\$ 850,00 para uma jornada de 40 horas semanais, algo a ser concretizado somente em 2010. Esse valor seria pago indiscriminadamente aos professores com formação em nível superior e em nível médio. Segundo o Ministro da Educação, Fernando Haddad, cerca de 55% dos docentes do ensino público recebem salários abaixo deste valor. A medida teve repercussão imediata: no dia 25 de abril, educadores de todo o país realizaram a Marcha Nacional da Educação, em Brasília, DF, convocada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). A entidade apresentou projeto de lei substitutivo que prevê um piso de R\$ 1.050,00, para os professores com habilitação em nível médio, e de R\$ 1.575,00, para os professores com nível superior. Esses valores seriam relativos a uma jornada de 30 horas semanais e entrariam em vigor a partir de janeiro de 2008.

Apesar da importância que o aumento de salário dos professores tem para a melhoria da Educação no país, consideramos que o PDE se omite em relação a pelo menos duas outras questões que têm merecido destaque nas discussões atuais sobre a situação da educação no Brasil: nada foi dito em relação à implantação da escola em tempo integral, algo previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e, até o momento, não cumprido; da mesma forma, o PDE não estabelece um plano de carreira que estipule a jornada integral dos professores em uma única escola.

As discussões sobre o PDE têm insistido sobre a timidez do Plano, que pouco avança sobre o que já tem sido feito. O Plano insiste na centralidade da avaliação do rendimento escolar como base para identificação e correção dos problemas educacionais. Há muito o país assiste a uma diversificação de políticas de avaliação, que mostram as deficiências do sistema, mas não têm gerado ações mais efetivas para corrigi-las. De certa forma, já sabemos quais são as escolas em que os alunos terminam as séries iniciais do ensino fundamental sem terem sido

alfabetizados, o que não tem gerado o efeito desejado nas políticas educacionais. Além disso, a adoção de exames de avaliação do rendimento escolar como base para a distribuição dos recursos ou para a correção de erros e deficiências pode fazer que a disponibilidade de recursos materiais para cada escola dependa, mais uma vez, do esforço dos docentes, o que, certamente, trará intensificação do trabalho e das cobranças sobre os já desgastados professores.

Para colocar o Plano em prática, o Governo dispõe, para o ano de 2007, de 1 bilhão de reais. Esse montante representa apenas algo em torno de 0,04% de nosso Produto Interno Bruto (PIB). Se nossas escolas estivessem todas bem equipadas – com bibliotecas, laboratórios, salas de informática, tudo funcionando – talvez 1 bilhão fizesse alguma diferença. Mas, no estado atual das coisas, é apenas uma gota que vai se perder num oceano de necessidades. A opinião que vai se formando entre os educadores é de que o pacote representa, mais uma vez, a visão de que “é possível reformar a escola de cima, rapidamente e sem dinheiro.”

Sabemos que o debate em torno do PDE está apenas começando. Convidamos os nossos colaboradores a participarem do debate, submetendo análises críticas e polêmicas sobre o PDE e outros temas atuais de interesse da Educação para publicação na seção *Palavra Aberta* de nossa Revista.

No artigo que abre este número 45 de *Educação em Revista*, intitulado “A discussão como ferramenta para o processo de socialização e para a construção do pensamento”, Sílvia Parrat-Dayan, da Universidade de Genebra, analisa a prática de discussão como uma ferramenta para a socialização da criança e seu desenvolvimento mental. A autora mostra como a troca e o confronto de visões e expressões propiciam às crianças experiências de descentramento e a busca criativa de novos argumentos.

Em “Efeito-escola e estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos”, Maria Teresa Gonzaga Alves e José Francisco Soares estudam o efeito-escola no desempenho acadêmico dos alunos de sete escolas públicas que atendem a comunidades que podem ser consideradas homogêneas do ponto de vista socioeconômico. O artigo mostra que o efeito-escola se estrutura pela forma como as escolas organizam os alunos em turmas, processo que contribui para que pequenas diferenças entre os alunos acirrem a estratificação escolar de uma forma mais ampla.

Ao discutir como as mudanças apresentadas pela sociedade influenciam o processo de formação do profissional de engenharia, Leandro Palis Silva e Sálua Cecílio, em “A mudança no modelo de ensino e de formação na engenharia”, mostram que, para que haja uma melhoria no ensino das engenharias, é necessário considerar as experiências de profissionais que atuam na área.

O descompasso entre os interesses de estudantes e os objetivos da escola é o tema de “Escola normal rural e seu impresso estudantil”, de Flávia Obino Corrêa Werle, Lenir Marina de Sá Britto e Gisele Nienov. As autoras analisam o veículo mantido pelo grêmio estudantil de uma escola normal rural do Rio Grande do Sul, no período de 1946 a 1950, e concluem que, embora o objetivo da escola fosse a formação do professor para a zona rural, o veículo mantido pelo grêmio tratava principalmente da socialização e da formação religiosa oferecida pela instituição.

Além desses artigos, neste número 45 *Educação em Revista* dá continuidade à publicação de dossiês temáticos, reiniciada no número 44. Os dossiês têm sido organizados por pesquisadores de destaque no tema escolhido, que atuam como editores, convidando os autores e coordenando o processo de arbitragem dos artigos selecionados. Neste número, convidamos o Prof. Antonio Flavio Barbosa Moreira para coordenar o dossiê “O campo do currículo hoje: debates em cena”, tema que é o coração da escola.

O currículo é um artefato social e cultural que tem sua história vinculada a formas contingentes de estruturação e organização da sociedade e da educação. Ele está conectado a relações de poder, transmite visões sociais interessadas e possui vínculos estreitos com o processo de formação de identidades particulares. É também espaço de encontros e de produção das diferenças. Nele algumas questões são definidas como problemas sociais, alguns conhecimentos como necessários, algumas formas como legítimas e algumas culturas como diferentes. Ele não somente divulga significados sobre o mundo e as coisas do mundo; também fabrica esses significados. Trata-se de um artefato que é constituído não por conhecimentos válidos, mas por conhecimentos considerados válidos. Ele ocupa, então, um lugar privilegiado nas disputas educacionais. Exatamente por esse seu caráter político, arbitrário, produtivo e interessado, assim como pela importância que ocupa na educação escolar, o currículo tem sido alvo de debates, problematizações e questionamentos, produzindo, muitas vezes, grandes polêmicas no campo.

Os artigos que compõem o dossiê aqui apresentado retratam essa polêmica trazendo aos leitores de *Educação em Revista* uma diversidade de olhares sobre o currículo, com as mais variadas abordagens do tema, e mostrando as mais diferentes perspectivas teóricas e metodológicas por meio das quais o currículo tem sido investigado, analisado, problematizado e debatido. O dossiê traz artigos que discutem várias teorias usadas no campo, relatos de pesquisa, entrevista e até mesmo um texto que, com formato completamente distinto dos artigos acadêmicos usualmente publicados por *Educação em Revista*, e, por isso mesmo, foi publicado na seção “Palavra Aberta”, pode possibilitar o repensar das formas, os enquadramentos e as formatações com as quais o currículo e a pedagogia estão envolvidos.

O dossiê incorporou também entrevista que o pesquisador inglês Ivor Goodson havia concedido para *Educação em Revista*. Apesar de não ter sido originalmente produzida para o dossiê, os temas nela abordados estão em completa sintonia com o que nele foi tratado. Com este número colocamos, então, à disposição dos leitores de nossa Revista uma boa mostra da diversidade de abordagens do currículo na contemporaneidade, na esperança de contribuir para reflexões no campo da educação, de modo geral, e do currículo, em particular. Agradecemos ao Professor Antonio Flavio Barbosa Moreira pela disponibilidade, pela competência e pelo entusiasmo com que levou à frente a coordenação do dossiê.

Eduardo Fleury Mortimer (Editor)

Bernardo Jefferson de Oliveira

Marlucy Alves Paraíso